

A EXPERIÊNCIA CONSTRUTIVA EM SEIS RESIDÊNCIAS DE ARNALDO MARTINO

Maressa Bronsztein

Graduada e mestre pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Rua Suzana Rodrigues,
42, conj. 93, Sto. Amaro – São Paulo/SP – Brasil, maressa.bronsztein@gmail.com

RESUMO

Arnaldo Martino faz parte de um grupo de arquitetos paulistas, cuja obra merece ser trazida ao debate. Formado em 1964, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, em seus primeiros quinze anos de carreira, o arquiteto projetará de maneira a explorar predominantemente a tecnologia do concreto armado, produzindo obras exemplares da arquitetura paulista denominada brutalista.

Apresentaremos neste artigo seis residências unifamiliares, construídas em concreto armado, projetadas pelo arquiteto de 1965 à 1978. A saber: residência Tereza Martino, (primeira casa do arquiteto, 1965), Hélio França (1969), Antônio Ribeiro (1970), Robert Nicol (1971), e Donald Ting (1978), estas na cidade de São Paulo-SP, e a residência Casa da Árvore (1976), no loteamento Patrimônio do Carmo, em São Roque/SP.

A partir do redesenho dos projetos originais (desenhados a mão pelo arquiteto), e de visitas “*in loco*” (que geraram um ensaio fotográfico atual das residências), pretendemos identificar alguns dos métodos projetuais do arquiteto entre o ano de sua formação, e o final dos anos 1970, quando Arnaldo passará a projetar edifícios em estruturas mistas.

Com este trabalho pretendemos descortinar parte de uma vasta produção do arquiteto, de raro valor arquitetônico, e de uma pequena parte da historiografia e da iconografia da arquitetura paulista dos anos 60 e 70.

Palavras chaves: Arnaldo Martino, Residência/Casa, Arquitetura Paulista 1960-70.

ABSTRACT

Construction experience in six residences of Arnold Martino

Arnaldo Martino is part of a group of architects from São Paulo, whose work deserves to be brought to the debate. Formed in 1964, the Faculdade de Arquitetura e Urbanismo of the University of São Paulo, in his first fifteen years of his career, the architect will design predominantly exploring the technology of reinforced concrete producing exemplary works of São Paulo Brutalist architecture.

We intend to present in this article six single family homes, built in reinforced concrete, designed by architect from 1965 to 1978. Namely, they are: residence Teresa Martino, (first house of the architect, 1965), Hélio França (1969), Antonio Ribeiro (1970), Robert Nicol (1971), and Donald Ting (1978), these in São Paulo SP, and residence Casa da Árvore (1976), in the allotment Patrimônio do Carmo, São Roque-SP.

From the redesign of the original designs (hand drawn by the architect), and visits (which generated a photographic essay of current homes), we intend to identify some of the design methods of the architect from the year of its formation, and the late 1970s, when Arnold will design buildings in composite structures.

With this work we intend to uncover part of the architect's vast production of rare architectural value, and a small part of the history and iconography of Paulista architecture of the 60s and 70s.

Keywords: Arnaldo Martino, Homes, Architecture Paulista 1960-70.

INTRODUÇÃO

Arnaldo é um importante nome da arquitetura paulista produzida a partir de 1960¹. Sua atuação inicia-se em 1964, quando ainda aluno da FAU-USP, e permanece intensa durante toda a sua carreira. Nesses quase cinquenta anos de exercício, o arquiteto produziu mais de 400² projetos, entre obras construídas e estudos, além de dedicar-se à docência.

Apesar de possuir um vasto acervo de projetos para diversas tipologias (fábricas, edifícios institucionais, escolas, entre outros), a escolha das casas deve-se a sua representatividade diante da produção de Arnaldo Martino, em que se destacam: a experimentação de técnicas construtivas; resolução do programa e soluções formais, além de perpassar toda a carreira do arquiteto, tornando-se um adequado objeto de estudo, compreensão e caracterização de sua obra.

Assim como, para os demais arquitetos de sua geração, o projeto residencial foi para Arnaldo Martino um território de experimentação técnica e formal, um laboratório para obras maiores, de cunho social e interesse público.

O presente artigo é parte da pesquisa de mestrado *“A experiência construtiva na obra de Arnaldo Martino: treze projetos residenciais”* (BRONSZTEIN, 2013), que apresenta um olhar sobre a carreira do arquiteto. Apesar de extensa obra construída, concursos vencidos e algumas publicações na mídia especializada, o atuante arquiteto, de personalidade discreta, não possui a obra reconhecida pelos estudantes de arquitetura e profissionais mais jovens.

SOBRE O ARQUITETO

Arnaldo Martino forma-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em 1964 – ano do golpe militar. Já neste período inicia sua atuação profissional em um escritório colaborativo dividindo espaço com Sergio Ferro, Flávio Império, Rodrigo Lefèvre, Matheus Gorovitz, José Guilherme Savoy de Castro, LuisFisberg e Sergio Bergamin, entre outros.

A participação em diversos concursos - muitos publicados na revista Acrópole - e principalmente a vitória no concurso para a sede da Secretaria de Agricultura de São Paulo e sua construção, dará visibilidade ao arquiteto, levando ao convite à docência pela FAU-USP, em 1972.

A convivência na faculdade aproxima Arnaldo Martino à Eduardo de Almeida, e, em 1978, inicia uma sociedade que durará dez anos. Nesse período o arquiteto irá desenvolver o mestrado e o doutorado, tendo o colega como orientador. Ambas as pesquisas versarão sobre habitação e o projeto sistêmico³.

Em 2006, o arquiteto antecipa seu afastamento da FAU-USP, aposentando-se precocemente, para dedicar-se à presidência do IAB-SP. Depois de algumas participações no Instituto, Arnaldo é

convidado para concorrer à presidência e vence. Sua gestão terá um balanço positivo, marcado principalmente pelo saneamento financeiro do Instituto.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA DO ARQUITETO

A partir de 1950, uma geração irá despontar, concomitantemente com a construção de Brasília, a recente mudança do centro irradiador cultural do país, do Rio de Janeiro para São Paulo,⁴ e a renovação da arquitetura nacional, cujos principais agentes serão Paulo Mendes da Rocha, Carlos Millan, Fabio Penteadó, João Walter Toscano, entre outros. (BASTOS; ZEIN, 2010).

A obra de Arnaldo se caracterizará pela continuidade desta linguagem paulista de arquitetura iniciada pela geração de 1950, da qual foi discípulo.

Eu fui um discípulo. Do Artigas nitidamente, admirava a forma dele pensar e fazer, sua expressão formal. No início da profissão nós éramos muito influenciados pela linguagem dos mestres. Havia também a linguagem do Oscar Niemeyer, Paulo Mendes da Rocha, Pedro Paulo [de Mello] Saraiva, [Carlos] Millan [...]. E acho que me insiro neste grupo de arquitetura paulistana, num sentido de continuidade (BRONSZTEIN, 2013, p.23).

No período em que Arnaldo cursa a FAU-USP, o arquiteto Vilanova Artigas é a principal figura dentro da universidade. Seu engajamento político, suas posições corajosas e sua busca pela emancipação nacional a partir de seu impulso criador, faziam do professor um exemplo aos alunos.

Essa referência será marcante na obra do arquiteto, sobretudo quanto ao seu posicionamento crítico frente aos antigos padrões pré-estabelecidos pela sociedade paulistana e à possibilidade inovadora, propositiva ante esses modelos. E mais especificamente no desenvolvimento do projeto como sistema, que depois o arquiteto irá explorar melhor em suas dissertação e tese.

No período de sua formação, já não havia mais uma divisão entre estudantes wrightianos e corbusianos — como foi comum durante um período na FAU, em que os alunos se filiavam a uma ou outra corrente —, e seu envolvimento com essas referências deu-se igualitariamente.

Mormente na primeira fase de atuação do arquiteto, fica evidenciada a influência de Le Corbusier, através da forma plástica como o arquiteto irá utilizar o concreto, material predominante em suas primeiras obras. Enquanto a referência à Wright apresenta-se de forma mais discreta, nos pés direitos contidos, no revestimento dos muros em pedra e na observância da preservação da intimidade da residência.

METODOLOGIA:

Pela brevidade do artigo apresentaremos seis residências projetadas em concreto armado das 13 residências expostas no mestrado “A experiência construtiva na obra de Arnaldo Martino: treze projetos residenciais” (BRONSZTEIN, 2013).

Como se trata de um primeiro estudo sobre Arnaldo Martino e sua obra — ainda pouco divulgada - inicialmente fizemos o levantamento do acervo do arquiteto catalogando todos os projetos armazenados em seu escritório⁵.

As casas aqui apresentadas foram pré-selecionadas durante este levantamento, cuja premissa foi a representatividade na produção do arquiteto, em que se destacaram o estudo e a experimentação do programa e das técnicas construtivas.

Inicialmente, tínhamos como parâmetro a escolha de casas inseridas em contexto urbano. Porém, a partir dos anos 1980, as solicitações por residências neste contexto irão minguar. Assim, para continuar o estudo da evolução na produção do arquiteto, utilizamos os mesmos critérios anteriormente citados para selecionar residências no loteamento Patrimônio do Carmo, na Cidade de São Roque/SP, com farta produção de edifícios do arquiteto, cujo projeto do empreendimento também é de sua autoria.

Utilizando como critérios a coerência com o conjunto da obra do arquiteto, demos preferência às residências que tivessem sido executadas com o acompanhamento de Arnaldo Martino. A partir do confronto dos projetos pré-selecionados escolhemos 13 residências das quais 6 iremos apresentar neste trabalho.

CASAS SELECIONADAS

Residência Tereza Martino, 1965, São Paulo



Figura 1 - Fachada principal da residência Tereza Martino. Fonte: acervo do arquiteto Arnaldo Martino.

Nesta casa, situada no bairro de Pinheiros, é possível identificar de forma clara as referências a Le Corbusier. Projetada para seus pais, possibilitou que Arnaldo Martino trabalhasse com bastante liberdade, ato que se reflete na plasticidade com que este trabalha o concreto, construindo elementos que projetam-se das superfícies verticais, como gárgulas, armários e óculos.

A residência se insere na paisagem urbana, apresentando-se de forma muito singela a partir da rua, contrastando com a forma arrojada como o volume é tratado na parte posterior e nas laterais da edificação.

Implantada em um terreno em declive, que cai da rua para o fundo sendo aproveitado para acomodar a casa em dois níveis. A partir do hall de entrada podemos: descer para a área social (sala de estar e jantar), e para a área de serviço (cozinha, copa despensa e lavanderia); ou ainda subir para a área íntima (com três suítes e um escritório).

Na época que esta casa foi projetada, ainda era comum a sala de banho, com grande área e corredor privativo, que deveria conectá-lo aos dormitórios. Arnaldo porém, irá tratar o banheiro como um pequeno equipamento do quarto, explorando suas dimensões mínimas e separando-o em lavabo, banho e W.C.

Seu volume projeta-se para dentro do quarto ao mesmo tempo que esta alvenaria não encontra a laje de cobertura, assinalando de forma clara o elemento prismático do lavabo. Situado no centro da residência, a iluminação e ventilação são zenitais, marcadas por um tubo de concreto que desce sobre a cuba.



Figura 2 - Plantas dos pavimentos inferior, superior e corte. Fonte: autora.

Inspirada nas residências de Carlos Milan, esta foi construída em alvenaria armada em bloco de concreto a partir de sua modulação, tendo o cuidado de paginar parede por parede para minimizar o desperdício na obra.



Figuras 3,4 e5 - Fotos do volume do lavabo e da iluminação zenital do mesmo. Fonte: autora.

Além da estrutura, o concreto armado será extensamente utilizado no design de equipamentos como bancos, bancadas e armários. Principalmente, e de maneira mais livre e arrojada, no recurso para entrada de luz — o “canhão de luz” do nível superior — que também possibilitava uma ampla visão do bairro, na época afastado do centro e pouco habitado.



Figuras 6,7 e 8 – Foto externa do canhão de luz e seu efeito interno no pavimento superior e inferior. Fonte: autora.

A busca pelo aproveitamento máximo do espaço fez com que não houvesse área residual ou corredores neste projeto. Conquista possibilitada por duas principais estratégias: a bancada que conecta copa, cozinha, lavanderia e despensa ao mesmo tempo que serve de área de trabalho no pavimento inferior; e o escritório no pavimento íntimo, que funciona da mesma maneira.

Mais que em outros projetos, as aberturas de luz são tratadas de forma bastante controlada nesta residência, através de estreitos rasgos horizontais ou do pequeno óculo. Nesse momento Arnaldo pesquisava a projeção da luz nos ambientes, seu percurso e o efeito em vários momentos do dia.

A residência passou por algumas reformas, o segundo proprietário, o arquiteto Jerônimo Bonilha Esteves, para acomodar suas três filhas, converteu o quarto de empregada, que ficava fora da casa, em um dormitório, cobrindo a passagem entre este e o hall. Os atuais proprietários também respeitaram o projeto original nas pequenas intervenções que fizeram.

Residência Hélio França, 1969, São Paulo



Figura 9 – Fachada principal da residência Hélio França. Fonte: acervo do arquiteto Arnaldo Martino.

Projetada em parceria com Maria Gisela Visconti, esta residência está acomodada em quatro meios-níveis. O acesso principal é feito pela garagem (coberta pelo andar superior): dela pode-se, descer meio-nível para as salas de estar ou subir meio-nível para a área íntima, com cinco suítes e uma sala íntima com biblioteca. A área de serviço e os dormitórios dos empregados ficam meio-nível acima deste e têm conexão direta com a cozinha (no térreo).

Característica da produção do arquiteto, há a subversão dos ambientes em relação à planta das residências tradicionais do período: enquanto a área de serviço volta-se para a rua, a área íntima e social está voltada para os fundos. O pé direito duplo no centro da residência destaca a importância do espaço de convívio para o qual os demais ambientes convergem.

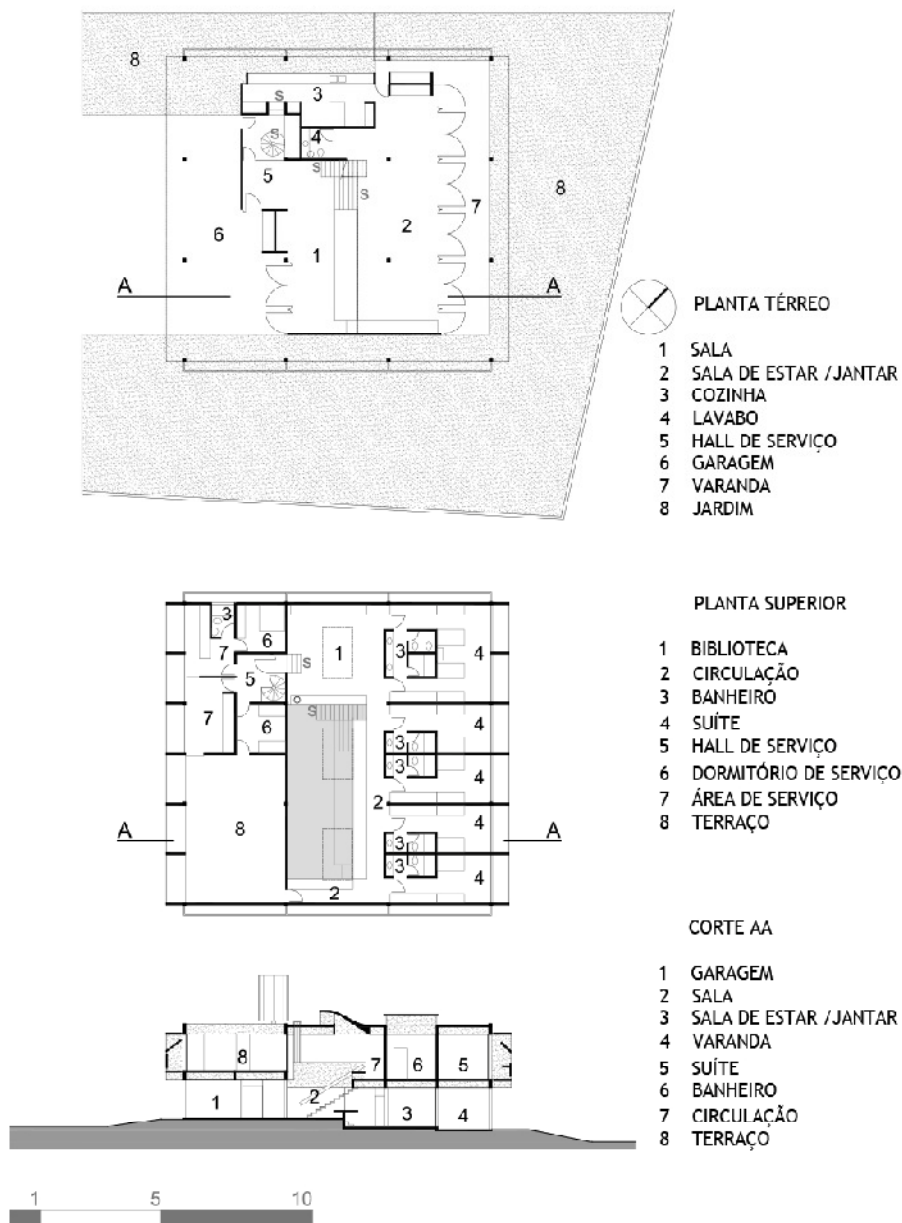


Figura 10 – Plantas do pavimento térreo, superior e corte. Fonte: autora.

De estrutura em concreto armado, e vedação em placas pré-fabricadas de argamassa armada. A plasticidade deste material é experimentada principalmente a partir dos brises nas fachadas, que contornam o edifício mesmo onde não há aberturas.

Feitos de uma mistura que também conta com isopor como agregado, os brises garantem conforto térmico, protegendo as empenas laterais. Nos quartos, além da proteção solar direta, servem de guarda-corpo e, na fachada frontal, ocultam a área de serviço. O arquiteto relembra quão leve eram as placas:



Figuras 11 e 12 - Brises da fachada lateral e dos fundos. Fonte: autora.

Uma vez, na obra, pediram ao Chiquinho — um servente bem magro e pequeno — que trouxesse uma das placas para testá-la, e ele veio com uma placa debaixo do braço, e as pessoas na rua pararam para ver, não acreditavam. Um brise de 5 metros, de concreto, que deveria pesar quase uma tonelada, mas era muito leve (BRONSZTEIN, 2013, p.42).



Figuras 13 e 14 – Fotos do pé direito duplo e da sala de estar. Fonte: autora.

Em 1981, quando sua terceira proprietária adquire a residência, internamente a estrutura encontrava-se pintada de branco, e na cor concreto externamente. Após um trabalhoso processo de restauração, toda a área foi recuperada. As principais reformas realizadas na casa foram a

construção de uma piscina e de um anexo no terreno e a utilização de parte do pátio descoberto frontal para a construção de um escritório.

Residência Antônio Ribeiro, 1970, São Paulo



Figura 15 – Fachada principal da residência Antônio Ribeiro. Fonte: acervo do arquiteto Arnaldo Martino.

Encomendada em 1970, no bairro Jardim Guedala, em São Paulo, para o Sr. Antônio Ribeiro, um dos sócios da Construções, Engenharia e Planejamentos Ltda. (Cenpla) — responsável pela construção de um conjunto significativo de habitações projetadas pelos protagonistas da arquitetura moderna paulista, principalmente aquelas realizadas em concreto aparente. Construiu, por exemplo, muitas obras para arquitetos do Grupo Arquitetura Nova.

Esta casa de esquina de fachada bastante expressiva, talvez seja a que possui o volume exposto de forma mais franca dentre os projetos estudados, nos quais o arquiteto procura não revelar seu prisma integralmente a partir da rua.

O terreno cai para o fundo do lote permitindo ao arquiteto trabalhar a implantação da casa a partir de meios-níveis que separam as áreas de trabalho (no mezanino), de serviço e estar (no térreo) e íntima (no nível mais baixo da residência).

Diferentemente de como acontece em outros projetos, corredores são usados para conectar os banheiros, aos dormitórios, e a área de serviço à área externa (o jardim). Normalmente, o arquiteto volta os ambientes para a sala ou espaços mais amplos, buscando a otimização da área evitando ao máximo esta forma de circulação.

Por exigência do proprietário, foi projetada uma calha técnica, que atravessa a residência longitudinalmente com as instalações elétricas e hidráulicas, podendo ser visitada para facilitar a manutenção, cujo construtor sabia ser custosa nas residências em concreto, normalmente exigindo a quebra e reconstrução das áreas afetadas.

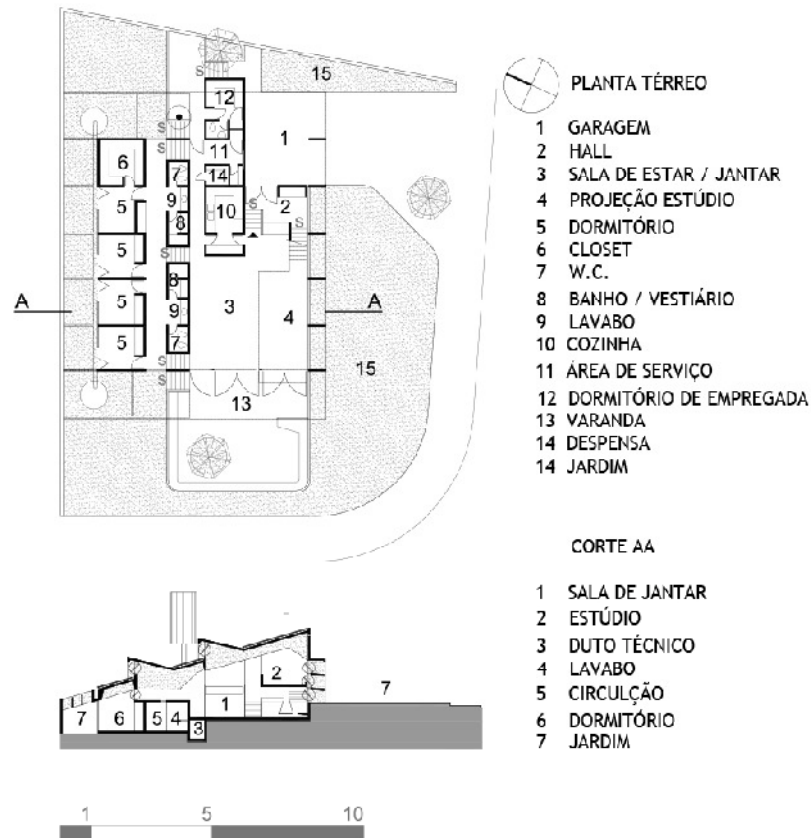


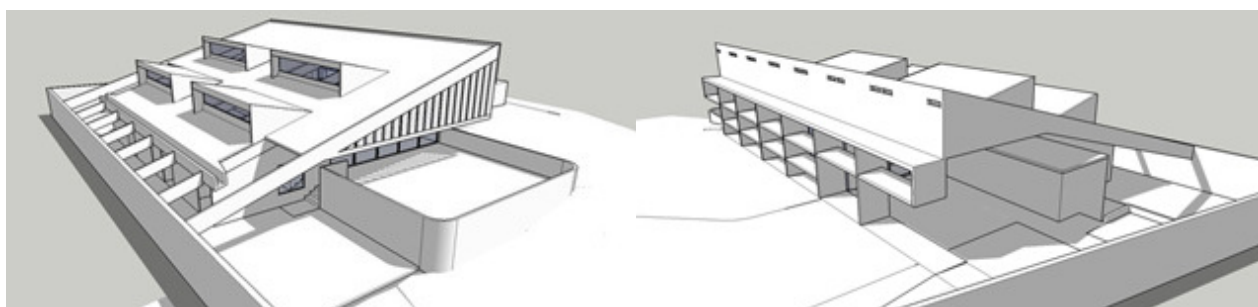
Figura 16 – Planta térrea e corte. Fonte: autora.

A cobertura em uma água desce da área social para os dormitórios, onde as vigas encontram o muro de divisa formando um pergolado. Configurando um abrigo em concreto armado no qual a casa vai se desenvolver, como se os ambientes fossem volumes autônomos ou blocos: o bloco dos quartos, o dos banheiros, o de serviço e o do escritório, conectados pela sala e por áreas de circulação.



Figuras 17 e 18 – Fotos da residência durante a construção. Fonte: acervo do arquiteto Arnaldo Martino.

Os pilares da fachada principal também merecem destaque, fazendo as vezes de brise vertical enquanto elementos horizontais completam a modulação, em um desenho de caráter bastante corbusiano.



Figuras 19 e 20 – Maquete eletrônica da residência. Fonte: autora.

Segundo relato do ex-sócio, o arquiteto Eduardo de Almeida, que na época era vizinho da residência, esta casa foi demolida em 2009 aproximadamente. Como existiam poucas fotos que pudessem ilustrar esta residência, fizemos uma maquete eletrônica a partir da prancha do estudo preliminar⁶ e das fotos históricas, para auxiliar na análise da mesma.

Residência Robert Nicol, 1971, São Paulo



Figura 21 – Fachada principal da residência Robert Nicol. Fonte: acervo do arquiteto Arnaldo Martino.

Projetada para um professor universitário solteiro, sua fachada instiga o visitante a entender o espaço interno. A cobertura em uma água que na parte baixa quase toca o solo, deixa no ar a dúvida de como funciona esta residência, que, apesar de certo arrojo formal, é discreta e bastante fechada para a rua.

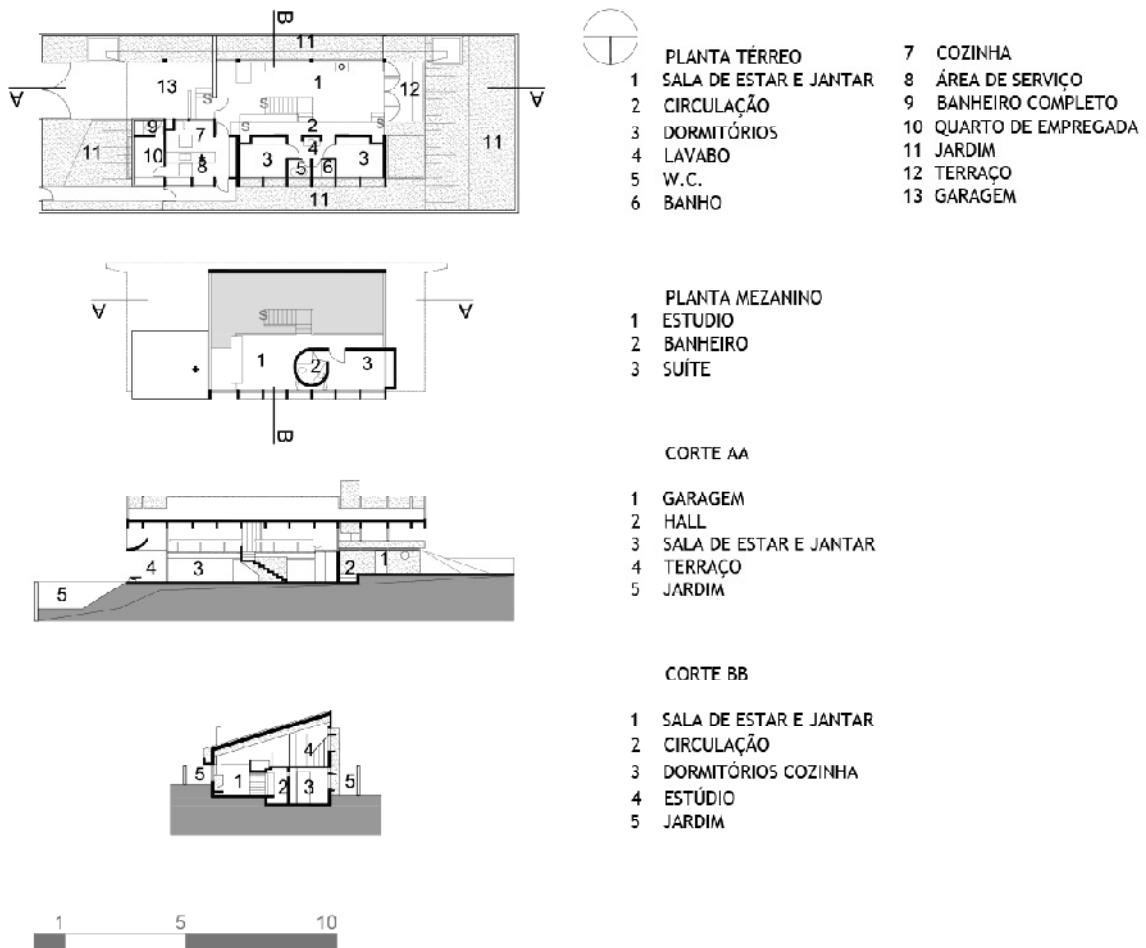


Figura 22 – Plantas dos pavimentos inferior, superior e cortes longitudinal e transversal. Fonte: autora.

A residência é acomodada em três níveis: social (intermediário), de serviço e íntimo (no nível mais baixo) e de estudo e descanso (no mezanino).



Figuras 23 e 24 - Fotos da cobertura. Fonte: autora.

A área de serviço avança para além do volume principal da casa e divide o espaço da cobertura com o abrigo para automóveis. Mostra-se como um bloco autônomo, de alvenaria baixa com

cobertura plana, onde um pilar em forma de cruz a atravessa para sustentar a caixa-d'água que aflora das vigas da cobertura sem laje neste trecho.



Figuras 25 e 26 – Fotos da caixa d'água. Fonte: autora.

Na sala, o pé direito baixo próximo à lareira cria um ambiente aconchegante que o arquiteto consegue transferir para as demais áreas, utilizando o mesmo expediente no mezanino e mantendo o pé direito baixo nos dormitórios e na área de serviço.

Os dormitórios e as salas de estar e jantar voltam-se para jardineiras nos recuos laterais, ocultas pelo muro revestido de pedras na fachada.



Figuras 27, 28 e 29 – Fotos do pé direito da sala de estar e jantar. Fonte: autora.

A comparação deste projeto com o da residência Antônio Ribeiro parece evidente, mas não podemos classificá-la como uma versão reduzida, e sim outra leitura explorando os mesmos recursos projetuais: a cobertura de concreto em uma água, os pilares fazendo as vezes dos brises verticais e a caixa-d'água como elemento vertical marcante da composição. Na resolução do programa, o mezanino para escritório e os quartos no nível mais baixo da casa. O conjunto, porém, apresenta-se bem distinto do anterior, e a influência de Le Corbusier fica ainda mais clara, por exemplo, na forma curva com que o arquiteto resolve o volume do banheiro na suíte.

Residida pelo primeiro proprietário, a casa não passou por reformas maiores que pinturas e impermeabilizações da laje. Todavia, a parte externa em concreto aparente recebeu pintura azul e branca.

Residência Casa da Árvore, 1976, São Roque



Figuras 30 e 31 – Vista da fachada principal de da caixa d’água da residência Casa da Árvore. Fonte: autora.

Projetada em 1976, foi uma das primeiras casas do loteamento Patrimônio do Carmo, encomendada pela família Daccache – empreendedores do terreno - junto com outras duas residências que deveriam ser postas à venda visando estimular sua implantação. Nas outras duas, havia um programa de casa de campo para uma família de médio padrão da época, nesta o investidor permitiu que o arquiteto fizesse um projeto mais arrojado e experimental, dando-lhe “carta branca”.

Arnaldo aproveita a oportunidade para criar um ensaio de casa totalmente integrada à natureza e, de maneira bastante ousada, forja esta residência de forma que se solidarize com o terreno que a envolve. Nela, podemos verificar de maneira mais explícita a tendência à discrição da residência em relação à rua. Esta desaparece na paisagem, para a qual se apresenta apenas como uma praça, seu único e peculiar marco é a “árvore” de concreto, que funciona como caixa-d’água e abrigo da entrada principal.

Em um lote em declive, que desce da rua de acesso para a avenida principal do loteamento e para o lago, a residência é incrustada na declividade, ficando parcialmente submersa no terreno.

Abaixo da árvore de concreto, há uma escada que acessa o hall de entrada da residência. O programa todo acontece nesse nível. Ao entrarmos, há um lavabo e o vestíbulo; dele, vamos para a sala de estar e jantar que conecta todos os ambientes, distribuídos de forma setorizada: o íntimo (dos dormitórios), o social (das salas de estar e jantar) e o de serviço (da cozinha e dependência de empregada e lavanderia).

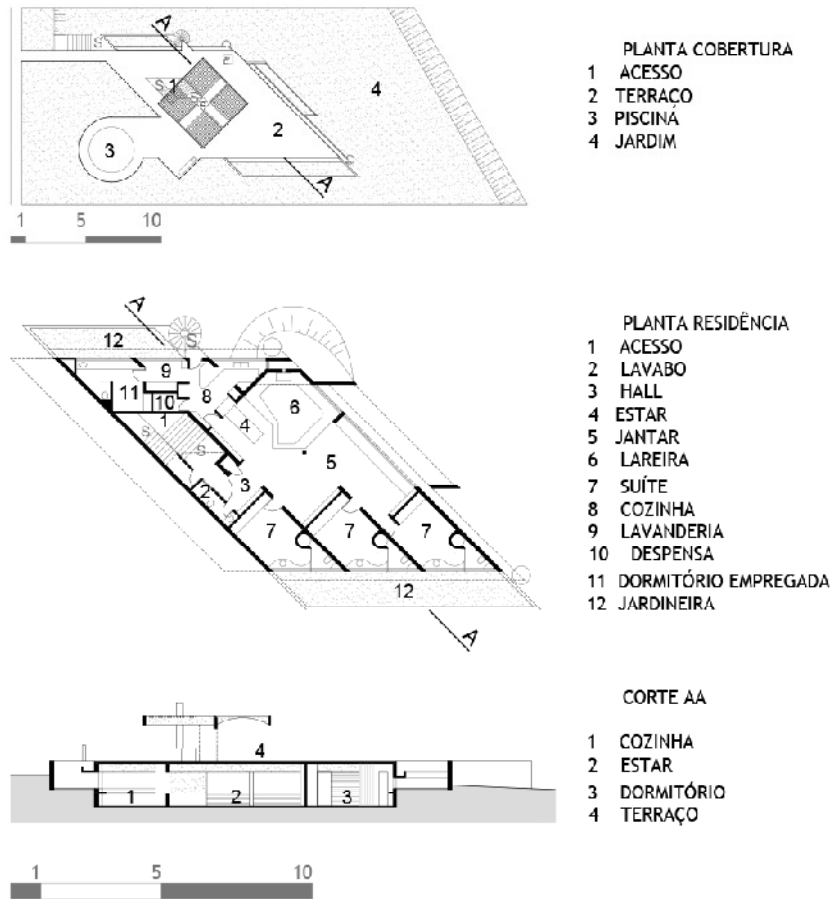
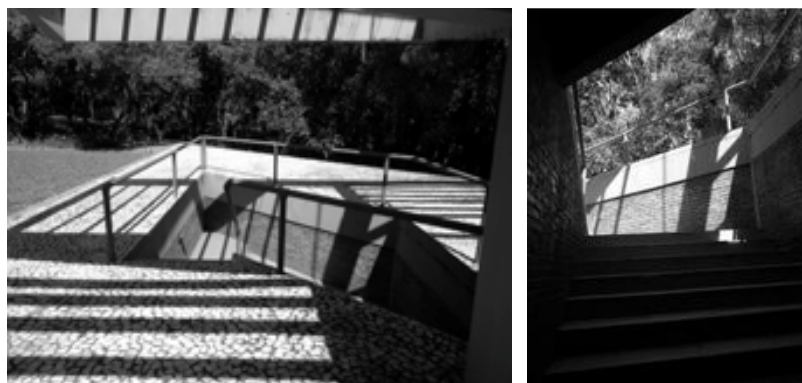


Figura 32 – Plantas da cobertura, do térreo e corte. Fonte: autora.

Nos dormitórios, o arquiteto aproveita a declividade natural do terreno para criar uma jardineira alta na divisa com o peitoril da caixilharia, deixando um rasgo horizontal como abertura, o que garante a visibilidade do lago ao mesmo tempo que protege a intimidade dos moradores.



Figuras33 e 34 – Fotos do acesso principal. Fonte: autora.

O banheiro é incorporado à área da suíte, com uma bancada em curva que se prolonga por toda a extensão da janela, ficando reservados apenas o W.C. e o banho.

De forma decisiva, o arquiteto suprime os corredores neste projeto, usando a área de estar como conexão aos demais ambientes. O aproveitamento do espaço também é alcançado com a utilização dos cantos formados pela planta em losango e a mescla de alguns ambientes, como o lavabo do banheiro e a área do dormitório nas suítes.



Figuras 35 e 36 – Fachada dos fundos. Fonte: autora.

Infelizmente, não conseguimos contato com os atuais proprietários e assim tivemos acesso apenas à área externa da residência. Porém, as imagens demonstram que o projeto não aparenta ter sofrido reformas que alterassem sua concepção original.

Residência Donald Ting, 1978, São Paulo



Figuras 37 e 38 – Vista do acesso principal e da cobertura da residência Donald Ting. Fonte: autora.

Projetada em parceria com o arquiteto Eduardo de Almeida, para um casal de imigrantes chineses e seus dois filhos, que, como seu primeiro investimento, compraram um terreno no bairro do Morumbi — na época ainda pouco ocupado e afastado da cidade — e encomendaram esta ousada residência aos dois arquitetos paulistas.

A fachada, sem qualquer abertura para a rua, se apresenta como um mirante e sua marquise (o abrigo dos automóveis, dos vestiários, da churrasqueira e das escadas de acesso principal e de serviço), que é também a caixa-d'água.

Com o forte declive do terreno a partir da rua, o edifício foi resolvido em dois pavimentos (social e íntimo) escalonados a partir de cortes verticais no terreno. A residência acontece abaixo do nível da calçada, que é aproveitada para área de lazer.

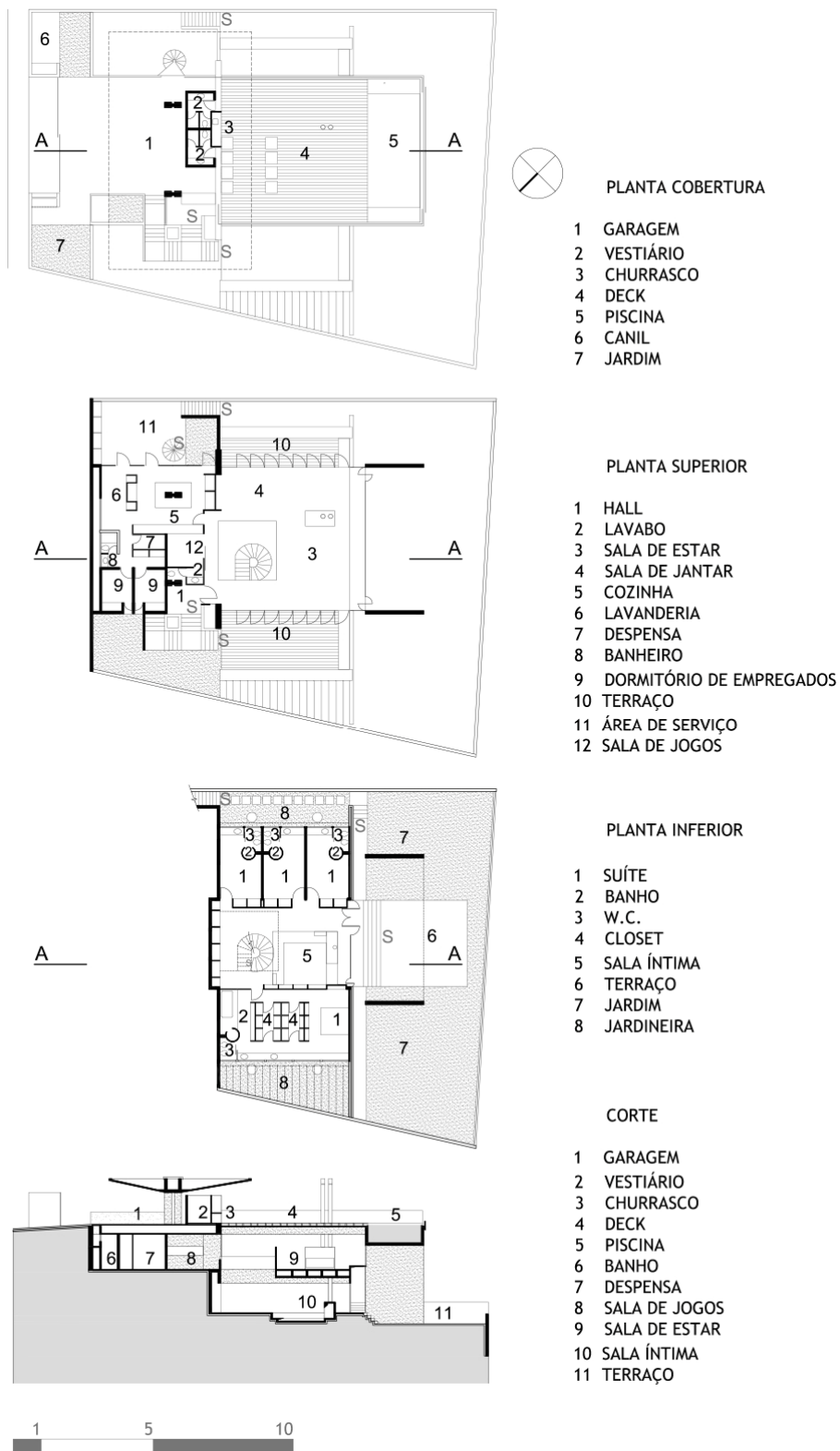


Figura 39 – Plantas da cobertura, do pavimento superior, do inferior e corte. Fonte: autora.

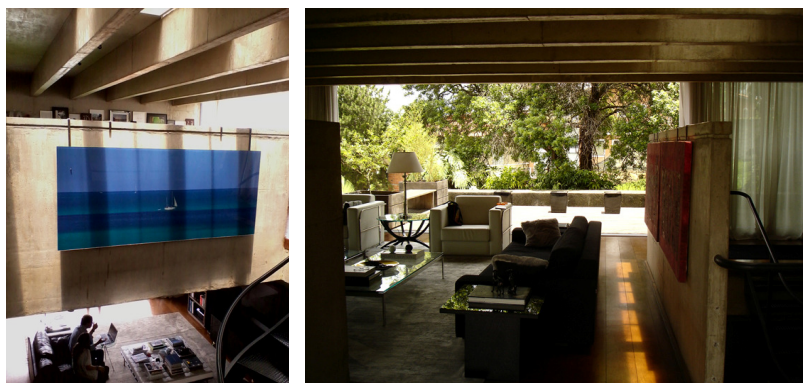


Figura 40 e 41 – Fotos da iluminação zenital e do deck visto da sala. Fonte: autora.

Descendo a escada principal, chega-se ao pavimento social e de serviço. A generosa sala é dividida sutilmente em estar e jantar através da lareira e do vazio da escada, e tem abertura para decks de madeira implantados nos recuos laterais (que são as coberturas dos dormitórios no pavimento inferior).

Abaixo, no pavimento íntimo, outra lareira para a sala inferior. De um lado, o dormitório do casal, com um closet no centro do ambiente; do outro, três suítes idênticas, e a espaçosa escada metálica helicoidal que predomina na composição do ambiente.

A estrutura da residência é toda em concreto armado e se resolve de duas formas: através dos cortes no terreno, onde a casa é simplesmente apoiada; e a partir de quatro pilares que sustentam a área de lazer e a área social, liberando a fachada para aberturas em toda a periferia do edifício. O generoso vão entre pilares é vencido na cobertura, com laje nervurada em apenas um sentido, enquanto a laje do pavimento superior é feita em caixão perdido.



Figura 42 e 43 – Fotos da escada metálica e da sala de estar e jantar. Fonte: autora.

Além dos expedientes recorrentes na obra do arquiteto, podemos identificar uma série de relações desta residência com a Casa da Árvore: a forma como a caixa-d'água é construída aproveitando-se dela para gerar sombreamento, o acesso principal da residência através da cobertura, a residência oculta quando vista da calçada, as chaminés das lareiras aflorando na cobertura como

elementos plásticos verticais, a minimização dos corredores e a moldura da visual da sala a partir de superfícies verticais. Nos dormitórios, destacam-se a bancada do lavabo participando do quarto e a forma curva do banho invadindo a área da suíte.

O atual proprietário fez uma série de modificações significativas na casa. Na área social, trocou os painéis de madeira por vidro; no pavimento íntimo, refez todos os banheiros, transformando o dormitório do meio em banheiro para as duas suítes das pontas e fazendo um banheiro convencional na suíte maior, onde também não há mais closet. As jardineiras dos recuos foram substituídas por jardins no nível do piso, o que possibilitou uma abertura de caixilharia piso-teto.

IDENTIFICAÇÃO DAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DESTA PRIMEIRA FASE DE ATUAÇÃO DO ARQUITETO

A partir do estudo das residências selecionadas no mestrado, identificamos duas principais fases de atuação do arquiteto: uma que vai de 1964, ano de formação do arquiteto, até o final dos anos 1970, quando o concreto aparece majoritariamente em suas obras; e outra quando a presença de estruturas mistas será cada vez mais recorrente, o que coincide com o início da sociedade com o arquiteto Eduardo de Almeida.

As seis residências, aqui apresentada pertencem à primeira fase de atuação de Arnaldo Martino, quando o uso do concreto armado é quase absoluto. Esta técnica permitiu a utilização desse material maleável de forma expressiva e plástica — como nos elementos projetados das superfícies horizontais (em óculos, nichos, armários e gárgulas), nos volumes da cobertura, nas caixas-d'água, ou nos brises.

Dessa forma, os edifícios residenciais não se apresentam como prismas puros. Eles terão adições, elementos que parecem ter sido posteriormente acrescentados.

Qualquer exagero que as residências deste período possam externar se esvaem ao entrarmos no edifício, de escala humana e pés direitos baixos. É nesta característica wrightiana, de criar ambientes aconchegantes, que identificamos também a influência de Artigas; e principalmente na forma de atender ao programa, na disposição dos ambientes íntimos, social e de serviço e na dimensão reduzida dos dormitórios em relação às área de estar e lazer.

Arnaldo subverte a posição dos ambientes conforme as residências do projeto moderno abrindo a sala de estar para o fundo ou recuo do lote enquanto a área de serviço volta-se para a fachada, sempre oculta por algum impedimento visual.

A descrição da fachada será constante na obra de Arnaldo, mas principalmente neste período, quando evita revelar o volume integralmente a partir da rua, quando atrás de uma frente singela, a residência pode se desenvolver de forma surpreendente, muitas vezes contradizendo a primeira apreensão a partir do exterior.

Algumas vezes, os edifícios residenciais se resolvem sobre uma cobertura que abriga as funções da casa setORIZADA em blocos; de estar e lazer, de serviço, e íntimo.

As referências à Le Corbusier estão muito claras, principalmente em sua fase mais madura, quando passa a usar o concreto aparente, que podemos verificar, por exemplo, nos pilares das fachadas das residências Antônio Ribeiro e Robert Nicol.

Num primeiro momento, Arnaldo faz experiências com a trajetória da luz e seu reflexo nas superfícies, gerando uma iluminação dramática nos ambientes a partir do controle das aberturas, escassas e diminutas.

É verdade que nas primeiras casas, estava muito preocupado com uma pesquisa da luz. Já que Le Corbusier dizia: “L’architecture est le jeu savant, correct et magnifique jeu de volumes préparés sous la lumière”⁷, eu estava muito concentrado em trabalhar escultoricamente a luz na arquitetura. A casa Tereza Martino é só um estudo de luz, luz refletida, luz indireta, luz... (Ibidem).

As decisões projetuais de Arnaldo estarão muito ligadas a lógica do fazer, e do canteiro, que o arquiteto resolverá junto as demandas funcionais do projeto, de maneira muito particular em seus desenhos, a partir de formas únicas, que sintetizam as questões do programa, da construção e plásticas .

A experimentação, marca que irá atravessar toda a produção do arquiteto neste período, está muito ligada às possibilidades plásticas do concreto e a como resolver o programa de forma única, sintetizando todas as demandas funcionais, técnicas e plásticas através da maleabilidade desse material.

Características da arquitetura paulista encontradas na obra de Arnaldo Martino

A partir do estudo das residências selecionadas, identificamos uma série de características da produção do arquiteto, que também observamos na arquitetura paulista denominada brutalista; são elas:

- Discrição da fachada.
- Aproveitamento do desnível do terreno para desenvolver a residência em vários níveis.
- Utilização de meios-níveis como delimitação sutil dos ambientes.
- Desenvolvimento de equipamentos de concreto, como bancos, armários, bancadas ou nichos de compartimentação.
- Caixa-d’água como elemento plástico e marco vertical.
- Cuidado no desenho da cobertura como elemento plástico.
- Utilização da iluminação zenital também como recurso de ventilação nos banheiros, liberando a fachada para os ambientes mais nobres.

- Racionalização das áreas dos ambientes íntimos, dormitórios e banheiros em relação aos ambientes de estar e lazer.
- Privilégio das áreas de convívio — com maior área, não compartimentadas e com pé direito duplo. Valorização dos espaços internos, através da criação dos vazios (pés direitos duplos) que conectam os espaços íntimos aos sociais.
- Utilização de brises associados à modulação estrutural do edifício.
- Parcimônia na definição dos tipos de materiais empregados na edificação.
- Emprego dos materiais em estado natural, principalmente concreto, pedra, tijolo maciço e madeira.
- Escada em concreto ou metálica como elemento forte da composição plástica espacial.
- Clareza no sistema estrutural adotado: quando não há revestimento, destaca-se o que é estrutura e o que é vedação.
- Utilização da estrutura como expressão formal.
- Abrigo de automóveis coberto pelo pavimento superior, geralmente em balanço ou quando a cobertura estende-se para além do limite da residência.
- Economia nas aberturas voltadas para a rua — sendo mais francas nos jardins dos fundos ou nos recuos.
- Busca pela supressão dos corredores, utilizando a sala como local de distribuição de circulação.
- Subversão dos ambientes de estar e de serviço conforme as residências do projeto moderno: a área de serviço volta-se para a fachada, enquanto a área de estar abre-se para o lote.
- Proteção da intimidade dos dormitórios: muitas vezes voltando-os para os recuos laterais, onde são criadas jardineiras na altura da caixilharia.
- Adoção da promenade arquitetônica moderna, em que a residência irá se revelar a partir do percurso.

CONCLUSÃO

A arquitetura brutalista sofre duras críticas da geração que a sucede. De postura beligerante contra o projeto, a posterior constatação da ingenuidade das questões ideológicas e a exacerbação da produção durante o milagre econômico vão dar munição às críticas. O deliberado isolamento para com as questões internacionais e também o ostracismo involuntário da produção resultaram no vazio historiográfico da produção do período — e apenas na década de 1990, mais substancialmente nos anos 2000, são retomadas as pesquisas históricas. Assim, reconhecer a importância dessa produção, identificar suas influências, continuidades e rupturas, evoluções e retrocessos, mostra-se essencial.

Arnaldo formou-se em 1964 – ano do golpe militar - e teve sua produção marcada por esta coincidência e pela vinculação entre a arquitetura da linha paulista e o regime ditatorial. Afirmar a qualidade e a importância dessa arquitetura passa pela desvinculação de seu contexto político e pelo entendimento da obsolescência e limitação do discurso de associação entre arquitetura e política (ZEIN, 2010)

Como pretendemos demonstrar neste artigo, se esta coincidência não reduziu a qualidade da obra de Arnaldo Martino, esta pode justificar sua pouca divulgação nos compêndios de arquitetura recente. Arquiteto que, se pouco de suas reflexões tem deixado impresso como texto, muito tem produzido em arquitetura, como obras construídas e projetos, num processo em que contribuiu decisivamente para o desenvolvimento da arquitetura enquanto disciplina autônoma.

Sua carreira, talvez uma das mais exemplares de sua geração, sempre foi dedicada ao projeto. Arnaldo participou como agente dos principais momentos históricos do período: trabalhando com os ícones da corrente paulista (como Artigas e Paulo Mendes); participando de vários concursos; e construindo obras públicas, como escolas e instituições, várias residências, alguns planos diretores, obras de infra-estrutura, fábricas, entre outros.

Como professor, estive em um dos períodos mais difíceis da FAU-USP, de posicionamento dos alunos contra o projeto. Participou de inúmeras comissões, sempre contribuindo com seu caráter organizador. Nas disciplinas que coordenou, estendeu aos alunos sua pesquisa acadêmica e pessoal sobre o projeto de arquitetura enquanto sistema, a industrialização na construção e a metodologia do projeto de edifício.

Na presidência do IAB — coroação de uma convivência com o Instituto desde os tempos de graduação — manteve firme a defesa dos arquitetos e de seus interesses profissionais.

Em seu processo de síntese das questões do fazer arquitetura, Arnaldo desenvolveu novas técnicas e formas de fazer que por vezes substituíram antigos sistemas há muito repetidos e tidos como coerentes. Seu debruçar sobre as questões de cada projeto com interesse e ânimo — sempre questionando e investigando as formas de cada *métier* e buscando respostas práticas, possíveis, ligadas ao construir e ao uso, sem se render aos encantos da forma, porém sem negá-la ou renegá-la como simples resultado das decisões técnicas ou formais — configurou uma arquitetura bastante heterogênea e muito particular, mais fácil de identificar por seu desenho (seu corte) do que por sua fisionomia.

Como esta pesquisa, outras vêm sendo realizadas sobre arquitetos agentes desse momento da arquitetura paulista (como Abrahão Sanovicz, Paulo Bastos, entre outros⁸), o que indica a vontade de entender esse período e divulgar uma arquitetura que talvez já conheçamos, mas cuja genealogia ignorávamos. Com esse artigo pretendemos diminuir essa lacuna. Apresentando parte da obra de Arnaldo Martino, esperamos contribuir para um processo maior a se descortinar.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPQ/FAPESP pelo apoio durante a pesquisa de mestrado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Acayaba, Marlene M. *Residências em São Paulo: 1947/1975*. São Paulo: Editora Projeto, 1986.
- Bastos, Maria Alice Junqueira. *Pós-Brasília: rumos da arquitetura brasileira*. São Paulo: Perspectiva-FAPESP, 2003.
- Bastos, Maria Alice Junqueira, e Ruth Verde Zein. *Brasil: Arquiteturas após 1950*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- Bronsztein, Maressa. “A experiência construtiva na obra de Arnaldo Martino: treze projetos residenciais”. Dissertação (Mestrado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- Ficher, Sylvia, e Marlene M. Acayaba. *Arquitetura Moderna Brasileira*. São Paulo: Projeto, 1982.
- Forty, Adrian, e Elisabetta Andreoli. *Arquitetura Moderna Brasileira*. Londres: Phaidon, 2004.
- Guerra, Abílio (org.). *Eduardo de Almeida: Arquiteto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Romano Guerra, 2006.
- Segawa, Hugo. *Arquiteturas no Brasil - 1900-1990*. São Paulo: EdUSP, 2010.

¹ Muitos autores irão denominá-la brutalista. Na obra de Arnaldo Martino, identificamos claramente a relevância da segunda fase de produção de Le Corbusier, quando este trabalhará com o concreto em estado bruto, também caracterizada como brutalista.

² Dados contabilizados pelo arquiteto, entre os projetos construídos e não executados, que constam em seu acervo ou ficaram com colaboradores ou contratantes.

³ Em que os elementos construtivos devem ser pensados, desde sua forma de produção, a partir da natureza de cada material e sua finalidade. Cria-se um sistema de componentes coordenáveis de variedade reduzida (facilitando sua reprodução), porém com larga variedade de agrupamentos, em subsistemas, de forma a tornar a construção mais racionalizada, econômica, sustentável e, por fim, acessível.

⁴ A partir dos anos 1940, quando Assis Chateaubriand e Cicillo Matarazzo, criaram o Masp, o MAM-SP e a Bienal de Artes de São Paulo.

⁵ Ver Anexo II – Levantamento do acervo de Arnaldo Martino até 2009, Bronsztein, Maressa. “A experiência construtiva na obra de Arnaldo Martino: treze projetos residenciais”. Dissertação (Mestrado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

⁶ As pranchas originais não estão no acervo do arquiteto, acreditamos terem ficado com a Cenpla.

⁷ “A arquitetura é o jogo sábio, correto e magnífico dos volumes dispostos sob a luz.”

⁸ Ver: SILVA, Helena Aparecida Ayoub. *Abrahão Sanovicz: o projeto como pesquisa*. 2004. Tese (Doutorado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo; e RODRIGUES, Pedro Henrique de Carvalho. *A obra do arquiteto Paulo Bastos*. 2008. Dissertação (Mestrado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo.